

Escrever

Márcia Tiburi

Para Moisés Nascimento que me pede para escrever e para os estudantes de Letras que estavam naquela sala, naquele dia, no encontro em Brasília

Tenho uma verdadeira fissura com a sinceridade. Se tem algo na vida que eu gostaria de poder realizar é a teoria e a prática da sinceridade: pela sinceridade, com vistas à sinceridade. Tenho a impressão que a sinceridade é o que nos resta depois da derrocada da idéia da verdade. É o que há de verdade possível. Assim, tento ser sincera enquanto escrevo este texto porque a sinceridade não é “a verdade” e só se pode falar dela na forma de uma intenção, não de um feito.

Escrevo agora para os estudantes assim como poderia estar escrevendo meus ensaios filosóficos, assim como escrevo meus romances, assim como escrevo um email ou uma carta para um amigo. O que eu gostaria, na maior ou menor complexidade de cada um destes atos, é de poder ser sincera também agora. Escrevo pensando em alguém que vai me ler entendendo o que posso dizer, ou tentando entender. A sinceridade surge para mim como a chance de construir um elo. Um elo que abre para a crítica, que não é acordo e consenso, mas relação disposta à aventura. E tenho que, como sempre, contar com a maldade do leitor nestas horas. Quando é sincera, não é possível não gostar dela.

Se levo a sério o meu projeto de sinceridade, preciso começar por declarar que escrevo porque Moisés a quem dedico este texto, encarregado de publicar um dossiê sobre o encontro dos estudantes de Letras, me pede um texto. Eu aceito escrevê-lo. a aceitação é um compromisso. Não há nada demais. Mas isso se torna um problema para mim em alguns sentidos. O primeiro diz respeito ao fato de que no dia de nosso encontro “falei” e não escrevi. Surge um problema da ordem do trabalho: devo fazer agora o que não fiz antes. Mas a coisa não acaba aí. Sob este trabalho, esta tarefa a cumprir, resta um problema relativo ao desejo: naquele dia eu não queria escrever para os estudantes, queria falar para eles e, esperava, mais do que falar para eles, que pudesse falar *com* eles. Por fim, estas duas questões costuram-se para mim por um fio de cardadura ontológica que é o que me faz agora pensar em questões bem simples: por que escrever? Por que é preciso escrever? O que me obriga se o evento único do encontro vale em si mesmo e por si só? E questões mais complexas surgem: servimos ao texto? Escrever é uma obrigação moral? Política? Em que consiste esta imposição da escrita? Que força de lei é esta que rege a Letra? Apartado do meu desejo o ato de escrever liberta-me ou domina-me?

Mas estou de acordo, comprometi-me e lá vamos nós desenrolando a linha. E outro problema aparece. Prometi a Moisés e cheguei a me prometer que faria uma memória do que falei no encontro. Comprometi-me com uma narrativa e não tenho como fazê-la. Sabemos que as coisas narradas dependem da ajuda que a imaginação dá à memória, mas não disponho de nenhuma memória que eu considere importante neste momento. A memória é uma experiência presente, uma construção de agora sobre algo que se deu, o que se chama “passado”. Pois não disponho de uma memória arquivo, e o pouco de que disponho, não me move a escrever, pois é da ordem de uma fala, não de um documento.

Agora que vejo que não posso/não poderia reproduzir o que falei naquele dia (porque entre falar e escrever há hiatos que nem sempre se transpõem facilmente), mudo a direção da pergunta que me moveu: naquele dia a indagação era “o que tenho a dizer aos estudantes de letras”, hoje tenho que me perguntar “o que tenho a escrever para os estudantes de Letras”?

Ao mesmo tempo, a minha pergunta só se coloca enquanto escrevo. E enquanto escrevo me pergunto de um modo que é evidentemente autoreferencial: o que é isso? O que deu em mim para escrever assim? Escrever sobre o escrever é algo relevante? Alguém se importa com isso? Importar-se-ão os estudantes de Letras? Penso que se alguém se importa serão justamente estes estudantes. Justamente os de LETRAS. Mesmo assim, lançada em minha metateoria, não tenho medo do que os outros pensarão? Tenho, e ainda assim, continuo.

Daí, ao continuar, não tenho mais medo, ou o medo troca de lugar, de estatuto. Enquanto escrevo penso no pensamento provocado nos outros. Penso se a sensação de liberdade (descubro agora que não me sinto dominada pela “imposição da escrita” apenas porque sou sincera e me arrisco) que eu tenho neste momento é a mesma de quem me lê. Ora, a sinceridade é uma liberdade.

(+)

Contudo, o ato da sinceridade se torna complicado para mim quando me deparo com categorias tais como identidade, sensibilidade, singularidade. Sempre desconfio. Assim, quando as uso é como se minha antena de caramujo recebesse um sinal de alerta, de um perigo eminente. Desconfio da sinceridade. Da minha própria. É um ato de pensamento um tanto fantasmagórico este de querer localizar (verificar-acionar-descobrir) o abstrato na ordem de uma experiência que se dá na

corporeidade. Vejam, novamente, a categoria. Se há uma experiência da corporeidade é porque há “um corpo” experimentado. Se há a sinceridade é porque há “um sincero”.

A desconfiança não cessa com a reflexão sobre a sinceridade, com o acordo que posso fazer entre o meu desejo prático e a teoria que o ampara. Tento localizar como e onde a categoria pode estar “em mim”. Fico pensando: mas onde estou? O que em mim posso chamar de eu? Desconfio de novo, não apenas da sinceridade, mas de mim. Aquela desconfiança cartesiana – diabólica de tão ingênua e tão “verdadeira”, ou será tão simples quanto paradoxalmente “sincera”? – de que não há um eu que não seja este que agora aqui está a pensar. Será mais fácil localizar-me do que à sinceridade? É uma pergunta que me morde os calcanhares. A sinceridade é a ação de um eu que se expõe. Mas e quando *eu* não é outra coisa do que a palavra que se enuncia? Uma questão mais de filosofia analítica da linguagem do que de reflexão romântica? Digamos que a subjetividade seja espécie de fruta existencial: o eu será a casca, ou polpa (a gorda substância) que, aberta como uma romã, como uma tangerina, expõe seus alvéolos.

(Gosto de pensar assim não apenas porque gosto de romãs e tangerinas, mas porque me penso como uma árvore frutífera...neste ponto, fica claro que o texto que escrevo, como todo texto, não nega-se a ser literatura, é isso o que todo texto é, embora ele seja filosofia, mas como falamos naquele dia, filosofia não é algo que necessariamente se escreve... filosofia é conversação como tentamos fazer naquele dia.)

Assim, fico com o que pode dizer a minha palavra, mesmo quando esta palavra eu (a casca) se concebe como algo que se guarda além dela (a polpa). E a palavra eu – que se expressa sinceramente – talvez seja o eixo em torno do qual giram/aglutinam-se as demais palavras. Acho que é isso. É. E vou sustentar de modo herege: assim, com a insustentabilidade de um “eu acho”. Com isso não quero aderir a um movimento fundamental e fundamentalista da anticultura nacional, o “achismo”, mas sustentar – anti-sustentando – uma fala contra a opinião (seja doxa, seja epistême) e contra o fundamento (aquele fundamento-fundamentalista filosófico que se baseia em textos como quem se baseia em sagradas escrituras), em nome de uma liberdade de pensar de tons vagabundos. Se tenho algo a escrever para os estudantes de Letras é deste teor.

Este eu que se pronuncia sinceramente “achando” é o mesmo que vai procurando: vagabundagem é o método. Ocorre que este “eu” que vai procurando e “achando” neste gesto também está se perdendo. “Achar” não tem consistência nem científica, nem é puro senso comum. O eu vai se perdendo na zona de indistinção onde o sujeito se pronuncia na intenção de algo, mas uma intenção fraca que não “acerta” o alvo, mas apenas “acha”, quando “achar” na verdade é procurar, supor, sugerir a si mesmo uma ideia. E enquanto se perde, torna-se outro, qualquer um (qualunque), e, no extremo, perdido por completo no ato de “achar” que é procurar, ele se torna ninguém. Zé Ninguém.

Creio que a esta altura, encontrei o sujeito no ponto em que este texto poderia vir a ser uma narrativa. E vejo que surgiu uma via na contramão. Na contramão do narrador acadêmico com suas perguntas bem organizadas, com suas referências e notas. Zé Ninguém, meu eu que se perdeu, é todo mundo. E ninguém. O que pode um Zé Ninguém quando se pronuncia? Ensinar-nos o método como antimétodo. Não como certeza e garantia, mas como aventura, pulo, salto no escuro. Se eu que agora me assumo como Ninguém (sem a astúcia ulisseana) me der mal, pelo menos me diverti e uma diversão, sabem os jovens estudantes de Letras, tem algo de impagável. Está fora da ordem das mercadorias.

(+)

Assim, continuo projetando-me como uma flecha de linguagem lançada de um arco feito de desejo. Não apenas como uma ação, mas como a inação – *eu preferiria não* – que me move, imovendo-me, que me sustenta em um lugar no qual eu preferiria não estar. Como o Bartleby de Melville. Assim, não sei o que faço ao escrever este texto, mas sei que o escrevo sendo que *eu preferiria não* escrevê-lo. E, no entanto, o escrevo.

Salvo-me no perigo de que insistindo naquilo que eu mesmo não sei o que é, tenho a chance de realizar a coisa.

Por que eu preciso começar falando assim? Por que eu começo não sabendo o que dizer, e por isso mesmo eu poderia parar. Eu poderia justificar minha inadimplência. E teria toda a sustentação filosófica “falada” naquele nosso encontro para me negar à grafia.

E assim é que surge uma questão com a qual acho que podemos ir finalizando este escrito que se deu como ato de escrever. Para que escrever?

Escrever para perguntar? Não. Escrever para provocar? Sim. Mas também para fazer pensar e, assim, criar liberdade. A liberdade – acho – cria sinceridade, a sinceridade, cria liberdade. As duas se complementam. Por isso, “O que tenho a dizer a estudantes de Letras?”, a questão que me fez falar no dia do encontro em Brasília – eu que estudei filosofia e artes e que me tornei escritora por motivos muito aquém dos acadêmicos – só pode ser respondida agora como “o que tenho a escrever para estudantes de Letras?”, sendo que esta pergunta não pode deixar que se perca a pergunta mais íntima da qual ela está grávida: para que escrever para estudantes de Letras que passarão a vida lendo e escrevendo para outros e que saberão as teorias sobre a escrita e sobre a leitura e sobre a literatura?

Bem nutrido pela vida acadêmica, o estudantes que você é (e quem não é estudante não leia este texto, pois não foi endereçado a quem não é estudante de Letras, sinta-se um ladrão se você não o é) pode se

tornar mais um destes eruditos sem função social. A erudição é como a propriedade privada. Sem função social ela é pura maldade acumulada, assim como o capital. Isso me faz pensar que é preciso perguntar a cada um que é estudante de letras: o que quer um *estudante de Letras*? Qual o estatuto de seu desejo de saber/desejo de ler?

Para poder seguir adiante não escrevendo mais este texto, preciso quase parar. E quero parar com um tom de interrupção para que as perguntas feitas pesem como tijolos a serem obrigatoriamente levados para alguma construção. Esta noite, talvez ansiosa com o chamado para escrever este texto e tendo tantas, mas tantas coisas pra fazer (começar, desenvolver, concluir) tive um sonho daqueles bem confusos, dos que se tem quando se está muito cansado e ao mesmo tempo muito animado: um colega meu, professor de teoria das artes, que acho muito inteligente e que me espanta por sua capacidade de articular, inclusive a teoria com a prática, falava para uma platéia na qual eu estava. Quando ele falou “verdadeira arte” o público – eu inclusive - veio abaixo com aplausos. Os aplausos eram tantos, mas tantos... eu usava a interjeição Uhuh! com muita veemência e me espantava pensando “que sorte, nem tudo está perdido” e sabia que as outras pessoas concordavam comigo. No sonho eu pensava também “é o aplauso mais forte que eu já vi”. O que era aquele aplauso? Não era um gesto pró-forma. Era um gesto de alegria muito barulhento. Parecia uma chuva de granizo, como se explodisse à força contida em mãos de Titãs.

Pensei em contar este sonho aqui como faço agora (sendo que um sonho é uma coisa muito pessoal para ser partilhada – é muito mais sério, por exemplo, do que sexo, por que é a única coisa realmente íntima). Minha idéia me deu medo: o que será que os leitores pensarão do meu sonho? E resolvi contar mesmo assim, até porque senti medo. Depois de ter escrito assim, ainda tinha que arriscar mais?

Resolvi contar em nome de uma sinceridade que se entrega ao seu possível inimigo. Esperando, é claro, que o medo se dissipe na amizade, na acolhida que somente o outro que ouve e/ou vê pode dar à sinceridade de alguém.

E por que conto este sonho? Não apenas porque ele me traz a imagem da sinceridade como uma entrega à sinceridade do outro, como o “meu mais íntimo” que se dá à acolhida alheia, mas porque o sonho me trouxe a imagem de algo comum. Um comum que não é banal. Um comum que é incomum. A idéia da arte verdadeira como uma coisa que se perdeu, mas que no sonho se sustenta. E se sustenta no sonho como algo que se sonha junto com os outros. E sempre que eu penso nos estudantes – nos que são ou foram ou serão meus alunos – ou ajo em relação a eles, penso que o faço em nome de um sonho. E fico triste quando as faculdades são tão frustrantes para os estudantes. Quando eles se deparam com

professores escravos de seitas teóricas ou hipnotizados por poderes acadêmicos – como cães brigando por ossos sem carne.

Assim, escrevo para os estudantes de Letras porque desejo que todos sejam livres, que não tenham medo, que não perpetuem as ditaduras acadêmicas, que saibam que a democracia depende do gesto que partilha a escrita e o saber e que sabe que a escrita é apenas o lado desdobrado da vida intangível pelas palavras, pela gramática, pela ordem do discurso.

Escrevo por fim para que possamos ser sinceros uns com os outros.

Obrigada pelos olhos e pelos ouvidos atentos.